

# Andréa Borghi Moreira Jacinto\*

## Margens Escritas:

literatura, espaço e o Entorno do Distrito Federal

**RESUMO:** Entre discursos hegemônicos sobre Brasília e o Distrito Federal, encontra-se a imagem de Brasília como lugar do moderno e civilizado, inscrita como ilha em espaços vazios de cultura, civilização ou progresso. Partindo dessa imagem, pergunta-se: o que diriam os que são classificados por tais discursos como situados no vazio? Em busca de outros discursos e de diálogos com perspectivas locais, privilegia-se um grupo em particular: escritores cujas produções literárias tematizam municípios e localidades existentes antes da construção de Brasília. Explorando tensões, tenta-se efetuar deslocamentos entre discursos e idiomas formulados localmente, narrados pela perspectiva de localidades, e também discursos enunciados a partir da centralidade do Estado-Nação. As temáticas observadas nesses discursos referem-se principalmente ao campo das relações entre os municípios e a capital federal, entre poder central e poderes locais, e a representação do espaço regional. Entre elas, o trabalho destaca a noção de sacrifício, e a ausência de reciprocidade entre a nação e o sertão.

**Palavras-chave:** construção social do espaço; literatura local; municípios; capital federal; poder local; poder central; Entorno do Distrito Federal; Planalto Central; Noroeste de Minas.

## I ntrodução

Em discursos hegemônicos sobre Brasília e o Distrito Federal encontra-se a imagem recorrente de Brasília como lócus do moderno e do civilizado, como ilha em espaços vazios de cultura, civilização e progresso. E o que diriam os que são classificados por tais discursos como situados no vazio? Essa pergunta foi ponto de partida para a pesquisa que resultou na tese *Margens Escritas: versões da capital antes de Brasília*, defendida na Universidade de Brasília, em 2003<sup>1</sup>. O presente artigo, sob o mesmo título, pretende sintetizar alguns dos principais pontos daquele trabalho, compreendendo aspectos do impacto da construção da nova capital sobre as sociedades locais, e o modo como estas responderam.

<sup>1</sup> Ver Jacinto (2003). O trabalho teve orientação da professora Mireya Suarez, tendo integrado as discussões do Grupo de Pesquisa Fronteiras: lugares concretos, espaços imaginados.

O interesse inicial do trabalho foi o de estabelecer diálogos com pessoas e grupos locais que, segundo os termos daquela imagem, estariam situados em um espaço marcado por ausências. Para tanto, o grupo privilegiado na análise foi o de escritores locais que, em suas produções literárias, tematizavam municípios e localidades cuja existência era anterior à transferência e à construção da capital federal. A reflexão voltou-se às relações e tensões entre, por um lado, o discurso formulado localmente, sobretudo a partir do município, e de outro, o discurso hegemônico, formulado a partir da centralidade do Estado-Nação, como estrutura de poder político-administrativo, soberana sobre um território limitado e uma comunidade imaginada (Anderson, 1989). De modo mais amplo, tensões e relações entre a ordem do Estado-Nação, e as localidades nele compreendidas e organizadas como municípios – menor divisão administrativa e política do sistema federativo brasileiro, e também unidade social que, historicamente, desfrutou por muito tempo de relativa autonomia política, produzindo sentimentos de pertença e solidariedade particular (Suarez, 1999) e, nesse sentido, podendo ser analisado também como pessoa moral (Chaves, 1996).

A referência à *capital antes de Brasília* liga-se eventos, tempos e espaços da idealização e construção de uma inédita ‘cidade-capital’ no Planalto Central, antes da inauguração de Brasília em 1960 (Freire, 2002; Vesentini, 2001). Seu ineditismo está também no fato de ser uma cidade imaginada e criada com a finalidade de ser capital do Estado-Nação, diferentemente do Rio de Janeiro, cuja existência precedeu sua transformação em sede do Distrito Federal. A *capital antes de Brasília* é igualmente um lugar para quem viveu de modo particular o evento de sua idealização e construção, descrito em textos de autores ligados a municípios como os de Paracatu, Unaí, Luziânia, Formosa, nos estados Minas Gerais e Goiás.

Esses autores e seus textos ligam-se a redes institucionais que, contemporaneamente, em contextos rituais como as cerimônias de Academias de Letras e lançamentos de livros, participam da construção e atualização de uma memória coletiva, em quadros sociais do presente. Nesse sentido, a pesquisa acompanhou um fazer literário e ritual que articula a *capital antes de Brasília* ao lugar que se tornou definitivamente, a partir de 1960, o Distrito Federal ou, segundo Freire, um ‘enclave’ do poder central no conjunto do sistema federativo brasileiro (Freire, 2002). A construção de Brasília como *evento crítico*, instaurador de uma nova modalidade de ação histórica (Das, 1998), criou uma ‘vizinhança’ peculiar para alguns dos municípios e localidades existentes em parte do Estado de Goiás e de Minas Gerais, um local que representa algo único e singular na estrutura política-administrativa do país: o *locus* do governo da União, do Estado-Nação brasileiro.

Os discursos estudados - os que evocam o município, ou os que privilegiam o Estado-Nação e a capital de seu governo - partilham um objeto comum: a representação do espaço regional formado por municípios mineiros e goianos integrantes do que vem sendo chamado, desde a década de 80, de *Entorno do Distrito Federal* ou *Entorno de Brasília*<sup>2</sup>. São discursos que, de modos diferenciados, pensam e representam o espaço das relações entre municípios e Brasília, em seu caráter de capital federal. Tomando-se as duas perspectivas sobre o espaço regional, evidenciaram-se diferenças entre representações construídas segundo cada um desses discursos. De um lado, espaços narrados a partir das localidades, descritos nos livros que contam a história do município e, de outro, o discurso enunciado por segmentos representativos do Estado-Nação, como órgãos de planejamento regional, ligados a estrutura político-administrativa do poder central.

Nos discursos formulados a partir das localidades, acompanharam-se textos que enfocam a história e memória dos municípios, e trazem representações acerca da proximidade com a capital federal, e sobre articulações/ distanciamentos entre identidades local, regional e nacional. Junto à análise textual, considerou-se também a inserção desses autores no espaço social, buscando-se a interlocução entre obras pesquisadas e redes sociais ligadas a esse tipo de produção intelectual, como as manifestas por meio das Academias de Letras<sup>3</sup>.

O modo como o lugar de enunciação afeta a imaginação sobre o espaço revela-se na produção de alteridades, identidades ou na expressão de afetos, podendo ser percebido nas diferenças entre as representações do *Entorno do DF*, *Planalto Central* ou *Noroeste de Minas*. Os três são nomes usados na designação de espaços regionais que, eventualmente, referem-se às mesmas localizações físicas. No entanto, o nome *entorno* presente, sobretudo, em discursos enunciados a partir da centralidade política de Brasília e de órgãos governamentais, aciona uma série de conotações depreciativas sobre o espaço social designado e, raramente, encontra-se presente em discursos identitários como os expressos pelos textos históricos e memorialistas locais. Nesses casos, quando um 'nós' é construído e apresentado por meio da escrita, os termos acionados são principalmente *Planalto* e *Noroeste de Minas*.

Os livros estudados, como textos de produção simbólica e objetos que evidenciam redes sociais e ritos dos quais participam os escritores, fizeram ver diversos lugares e práticas entre municípios e Brasília. Mesmo as noções de 'local' e 'nacional' deslocam-se e são apropriadas e atualizadas de modos diferentes nos discursos emitidos desde o município ou desde a capital federal, sede do Estado-Nação. Revelaram também que a idéia do *nada* e do *vazio* ao redor de Brasília, negatividade inscrita na imagem do

<sup>2</sup> Na pesquisa realizada, os municípios especialmente enfocados foram Luziânia e Formosa (Estado de Goiás); Buritis, Unaí e Paracatu (Estado de Minas Gerais); além de duas regiões administrativas do Distrito Federal que poderiam ser classificadas como áreas do entorno de Brasília, no uso cotidiano da palavra, referente a uma área circunvizinha: Planaltina e Brazlândia.

<sup>3</sup> Entre as Academias consideradas, estão: Academia de Letras e Artes do Planalto (Luziânia); Academia de Letras e Artes do Planalto (Paracatu); Academia Planaltinense de Letras (Planaltina). O presente artigo não se aprofunda nessa discussão, que pode ser acompanhada no capítulo IV de Jacinto, op.cit.

Entorno, dos lugares ao redor do centro exemplar, é ela mesma um significante móvel que se amolda a vários usos e retóricas.

Notar distância e tensões entre essas perspectivas discursivas permite ainda uma compreensão sobre as relações entre elites locais comprometidas com a criação da capital, além do impacto da inserção da lógica do Estado-nação, do código da modernidade política e do valor do indivíduo sobre outro código político, mais próximo de uma lógica da reciprocidade e do valor da pessoa política (Chaves, 1996). Nesse sentido, a pesquisa conduziu a uma interpretação sobre eventos do quadro contemporâneo do Distrito Federal, mencionados brevemente ao final deste artigo<sup>4</sup>.

### Entorneando - região, margens e fronteiras<sup>5</sup>

A invisibilidade ou o vazio da região que recebeu Brasília, construídos em discursos relativos ao espaço nacional, se reproduzem contemporaneamente no espaço regional, como sugere a análise sobre a categoria espacial que nomeia e reúne municípios mineiros e goianos no 'Entorno do Distrito Federal' ou 'Entorno de Brasília'. Criada nos anos 80, a partir do discurso específico do planejamento regional e de seus argumentos técnicos e políticos, o *Entorno* foi se configurando como um *modo de pensar as relações* entre Brasília, o Distrito Federal, os Estados de Goiás, de Minas Gerais, e seus municípios, modo incorporado e recriado por outros discursos, como os da mídia.

Recuperar parte da formação da categoria 'entorno' é tentar reconstruir esse modo de pensar o espaço, recortá-lo e organizá-lo. A análise dos materiais discursivos levantados construiu-se a partir de algumas perguntas: Como se define Entorno? Quais são os valores e imagens que têm acompanhando essa categoria espacial? Quais elementos, de ordem qualitativa ou valorativa, são observados nos vários nos vários usos do termo 'entorno'? Em que ocasiões o termo é utilizado? Por quem? Respostas a essas perguntas permitiram uma reflexão que explorou, em diferentes níveis, as categorias espaciais *de região, margem e fronteira*.

O nome 'entorno' surgiu historicamente para referir-se a uma região, junto ao discurso técnico do planejamento regional e de segmentos representativos do poder federal, investidos de autoridade para enunciar a perspectiva do Estado-Nação<sup>6</sup>. O levantamento bibliográfico a partir daquele nome, base para a análise, conduziu sobretudo a estudos técnicos e à documentação oficial, textos que permitiram uma recuperação da formação

<sup>4</sup> Intenção inspirada em perspectivas como **AHEARN** (2001); **HERZFELD** (1997); **SAHLINS**, (1985).

<sup>5</sup> Agradeço à professora Ana Vicentini a sugestão do jogo de palavras com a idéia de se tornar o objeto de estudo. Segundo o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Ilustrado* (1971): "Entorno. (ô), s.m. - de um número real (Mat.): qualquer intervalo aberto que contenha esse número; - de um ponto da reta; conjunto de todos os pontos de qualquer segmento da reta que contenha esse ponto (Pl: entornos (ô)). C.f. entorno, do v. entornar). Entornar, v.t. Emborcar, despejando; voltar; inclinar (um vaso) para despejá-lo; derramar; espalhar; difundir; p. derramar-se; transtornar-se; espalhar-se; propagar-se; (pop.) dar-se ao vício do álcool. (Pres. Ind.entorno, etc.cf. entorno (ô)). No *Dicionário Ilustrado Koogan/Houaiss* (1994), "Tornear, v.t. Afeição ao torno; dar forma roliça a, arredondar/ Fig. Polir, aprimorar: tornar a frase."

<sup>6</sup> Nesse discurso, a criação do Entorno é associado à construção de Brasília, ação decisiva do processo de consolidação da soberania sobre o território da nação. Sobre o discurso nacional e geopolítico relativo à construção da capital, e seu ideário ver **COUTO** (2001); **BERTRAN** (1988); **HOLSTON** (1993); **MAGNOLI** (1997); **VIDAL E SOUZA** (1997).

dessa categoria espacial<sup>7</sup>. Acompanhando-se imagens associadas ao uso do nome, observou-se sua representação mais corrente: ‘região problema’.

Em textos oficiais e na imprensa, a representação do ‘entorno’ passa inevitavelmente pelas dimensões política e sócio-econômica, remetendo-se o leitor ao processo de metropolização, ao grande crescimento demográfico experimentado pelas áreas adjacentes a Brasília e Distrito Federal, a problemas e potencialidades advindos desse processo. Ilustrativos dessa perspectiva são os estudos da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central, que consideram fatores como a pressão populacional, infra-estrutura disponível na Capital Federal, emprego, desenvolvimento, alternativas de trabalho, estrangulamentos de natureza institucional, apontando-se que “a economia do Entorno, periférica ao Distrito Federal, não tem contribuído de forma adequada para a elevação dos níveis de vida da sua população, criando um quadro social, econômico e territorialmente desequilibrado” (Codeplan, 1992).

As descrições relativas ao nome ‘Entorno’ e ao espaço referido configuram imagens também presentes nas mídias locais e outros suportes de comunicação. Como mostra um artigo disponível na Internet, escrito por Rodrigo Victor da Paixão, capitão da Polícia Militar:

### ***Entorno da In-segurança***

*Como oficial da Polícia Militar, servi na região do entorno do Distrito Federal por mais de quatro anos, entre 93 e 97. (...) O índice de criminalidade, já elevado então, mostrava uma tendência para crescer cada dia mais. (...) **O entorno é uma região sui generis, isto é, singular.** Pessoas atraídas de todos os cantos do país, buscando o sonho de uma terra de oportunidades em Brasília, descobrem que ali não há mais lugar para aventureiros. **Lugar de aventureiro** (especialmente aventureiros pobres) é em Santa Maria, Samambaia e no entorno do DF, ou seja, em Goiás mesmo. (...) **Ganha-se e gasta-se em Brasília; usa-se a infra-estrutura pública de Goiás.***

*A população do entorno é curiosa. Dificilmente acha-se alguém “nascido e criado” por ali. Esta falta de identificação com a terra, **falta de regionalismo**, criou uma sociedade anti-social, se permitem o trocadilho. As pessoas não têm vínculos entre si. Lembro-me de casos em que um criminoso assaltava o próprio vizinho (...)*

<sup>7</sup> Por exemplo, CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL (1999); COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DO PLANALTO CENTRAL (1980); COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DO PLANALTO CENTRAL (1992); COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DO PLANALTO CENTRAL (1998); MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO (1998).

*Sempre comparei a **situação do entorno** com **aqueles velhos filmes de faroeste**, em que as cidades são aglomerações de estranhos. O criminoso rouba e mata em uma cidade, **depois passa a fronteira** para não ser perseguido pela polícia. (...)<sup>8</sup> (grifos meus)*

As imagens desse artigo – cidades-dormitório, explosão populacional, falta de identificação com o lugar de residência ou “falta de regionalismo”, filmes de faroeste -, compõem um quadro recorrente nos usos do termo ‘entorno’. A singularidade desse espaço é construída por sua associação com determinadas características, como a fragilidade dos laços que unem pessoas entre si. O artigo continua a reflexão, relacionando o perigo iminente à falta de cuidado do poder público e à pergunta: com quem está a responsabilidade?

<sup>8</sup> Caderno Goiano de Doutrina, pp.13/ 27, disponível em [www.serrano.neves.nom.br/cgd/011201/13a27.htm](http://www.serrano.neves.nom.br/cgd/011201/13a27.htm)

<sup>9</sup> Os documentos consultados apontaram três delimitações de Entorno aceitas com alguma referência legal : a) A delimitação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que estabeleceu a Microregião 12 do Estado de Goiás (*12 municípios*); b) delimitação da Associação dos Municípios Adjacentes a Brasília (AMAB), que reúne *29 municípios goianos e 13 mineiros* (recorte com o maior número de municípios); c) Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE), com *19 municípios goianos e 3 mineiros*. A RIDE tem sido considerada em alguns documentos como ‘região metropolitana do DF’. A coexistência das diferentes delimitações é reconhecida oficialmente e acionada de diferentes modos segundo os critérios e interesses oportunos

<sup>10</sup> Para uma revisão sobre o conceito de região nas ciências sociais, e sobre imagens de ‘região’ em narrativas sobre a constituição da nação brasileira, no ensaísmo e na literatura, ver **SENA** (2000).

Outro ponto a se ressaltar na imaginação espacial é a idéia de um espaço formado a partir de um centro de irradiações, imagem paralela ao fato da categoria surgir vinculada a Brasília – Entorno de Brasília/ Entorno do DF. Ainda que a definição desse espaço, mesmo formalmente, tenha sofrido constantes modificações<sup>9</sup>, sua imagem como ‘região de influência’ do Distrito Federal é determinante. Correspondendo a noção de ‘centro exemplar’ explorada por Holston (1993), a capital deveria ser um centro irradiador de mudança e transformação da sociedade, impelindo-a para um futuro planejado. O Entorno seria, desse modo, o que transborda desse centro, respondendo ambigualmente às contradições da própria capital.

Do ponto de vista descritivo, é inevitável que se fale em *região*, categoria espacial mais comum nas referências feitas: a região do Entorno. O conceito de região, em uma de suas vertentes teóricas<sup>10</sup>, conduziria à reflexão sobre o Entorno pelo enfoque dos modos e relações de produção que o particularizam no sistema econômico, e a ação do Estado. Um modo de abordar o espaço mais próximo aos estudos técnicos e documentos oficiais pesquisados, relativos ao Entorno. De modo geral, a reflexão sobre o conceito de região traz também a idéia de uma totalidade da qual a região faz parte ou está articulada; indicando-se uma especificidade em relação à totalidade. Bourdieu (2001) traz a questão das disputas em torno da definição da região, como disputas por legitimidade e autoridade de classificações, definição de limites, fronteiras e critérios de identidade.

Guardando-se a importância desses sentidos, é necessário destacar que as imagens analisadas relativas ao uso do termo ‘entorno’ evidenciaram menos a idéia de todo e parte, e mais a de *centro* e *margens*. A questão da singularidade ou especificidade em relação ao todo (relativa à região) seria também problemática, uma vez que tal espaço se define a partir de Brasília e do

Distrito Federal, ou de sua irradiação e influência – atribuindo-se a ele um caráter móvel e variável – provavelmente uma de suas principais características.

As relações e diferenças observadas na análise sugeriram uma organização do espaço tendo em vista dois pólos: centro e margens – unidades predominantemente operadas no discurso estudado. A partir dessa constatação, o apoio teórico em Douglas (1976) foi fundamental, permitindo uma leitura simbólica da representação do espaço do Entorno, sensível às noções de pureza e perigo, às idéias de forma e falta de forma, estados de transição, articulação/ desarticulação do sistema social e posições de autoridade. Nessa leitura, acentuou-se a imagem de Brasília associada ao centro exemplar/ centro de poder, e o perigo remetido às margens, ao Entorno – a violência, a explosão demográfica, a pobreza – de onde emana também o poder desse espaço marginal, poder de desarticulação e ambigüidade.

As representações sobre o Entorno, nesse sentido, acompanham uma característica atribuída à configuração espacial formada a partir de Brasília, em relação às chamadas cidades-satélites. No caso, a espacialização de diferenças de classe e da segregação socioeconômica (Paviani, 1998). Em relação a esses processos, a imagem *cidades-satélites* reforça (provavelmente inaugurando nesse contexto) o espaço caracterizado como centro e margens. A própria construção dessas cidades materializa tal princípio, uma vez que foram pensadas para resolver a questão da habitação de operários e migrantes que vieram construir Brasília, e para controlar a ocupação *desordenada* das invasões<sup>11</sup>.

Portanto, dizer ‘entorno’ nos discursos estudados, é também localizar diferenciais de poder e ordená-los hierarquicamente. É criar narrativamente esse espaço, a partir de uma enunciação que imediatamente atribui a ele subalternidade. A margem e o centro remetem também àquilo que deve ou não ser visto, e à vulnerabilidade da estrutura no pensamento e na ordem social.

Porém, há uma surpresa colocada ante essa interpretação, quando a análise considera outros textos e discursos. Um deles aciona esses mesmos lugares ou pólos simbólicos (centro e margem, estrutura e desarticulação), todavia, com uma enunciação que remete não exclusivamente a Brasília, mas à Goiânia, capital de Goiás. Outro tipo de discurso considera categorias como as de município e Estado, sendo formulado em referência à Luziânia, cidade goiana vizinha à Brasília e situada nas três delimitações formais de Entorno; e Formoso, município de Minas Gerais, que reivindica sua inclusão na Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE). Tomando-se essas perspectivas, embaralham-se respostas às perguntas: onde está o centro? Onde estão as margens? A quem se atribuem essas posições? Primeira

<sup>11</sup> Sobre as cidades-satélites, ver também SILVA (1995); e VASCONCELOS (1998).

surpresa está no fato de haver outro pólo participando do lugar da estrutura, centro. Não só Brasília, mas igualmente Goiânia é centro e tem entorno. Esse dado reforça-se com idéia de que a capital do Estado de Goiás, planejada e construída na década de 30, revela “o fascínio pelo centro, marca da episteme moderna, presente nos discursos que defendiam a mudança da capital federal para o Planalto Central, [e] se mostrava também no plano urbanístico de Goiânia” (Silva, 2000: 132). Em relação à Goiânia, o nome ‘entorno’ aparece novamente ligado à migração, à noção de periferia e problemas urbanos.

Além da configuração de problemas, representações de Goiânia e seu Entorno, juntamente com Brasília e seu Entorno, aparecem em estudos ligados à área do desenvolvimento urbano e regional, que procuram analisar espaços formados a partir de dinâmicas sócio-econômicas mais amplas, como os de Miragaya (2000) e Arrais (s.d). Em ambos, há preocupação em entender o espaço formado a partir desses dois pólos. No estudo de Miragaya, trata-se da ‘região Brasília-Goiânia’, analisada em sua rede urbana, que peculiarmente possui uma dupla polarização, resultante da “equivalência entre as duas metrópoles regionais, Brasília e Goiânia, mas também pela proximidade entre elas” (p. 22). O estudo de Arrais (s.d.) foca-se no ‘Centro Goiano’, considerado uma das cinco mesorregiões do Estado de Goiás e que, no seu estudo, incorpora também ‘Brasília e o Entorno de Brasília’. Essas fontes renovam a idéia do Entorno como espaço de problemas, margem do centro/ estrutura. Porém, desequilibram a visão sobre Brasília como o centro em questão - há dois centros e dois entornos a serem levados em consideração<sup>12</sup>.

Se há outro centro, onde estão as margens? Duas referências vindas de outros discursos, referentes a Luziânia (GO) e Formoso (MG) complexificam a questão. São fragmentos de textos escritos por autores locais ou com vínculos com esses municípios. Importante ressaltar que o termo ‘entorno’ é praticamente ausente entre sujeitos cujas vozes este trabalho privilegiou, escritores comprometidos com os municípios que testemunharam a construção de Brasília. Assim, os exemplos aqui apresentados figuram entre os poucos que mencionam diretamente o nome ‘entorno’. Em um deles, guardando a referência de Luziânia na menção a Brasília:

*Neste momento em que o Distrito Federal e o Entorno se reúnem com os representantes das cidades históricas aqui em Luziânia, (...) em que o velho e o novo se harmonizam, não poderia deixar de dizer o quanto **Brasília se orgulha por ser filha caçula desta terra fecunda de tradições, que mergulha no passado para prosseguir na modernidade. Brasília é filha de Luziânia** (....) quero acrescentar*

<sup>12</sup> Arrais reforça as interpretações desenvolvidas com idéia de que “o Entorno é a negação de Brasília (...) hoje o Entorno de Brasília constitui-se numa região ambígua, tanto para Brasília como para Goiás. Brasília ‘usa’ do Entorno e o Entorno, em certa medida (...) sobrevive de Brasília. Mas o Entorno também ameaça, o que lhe torna alvo de políticas públicas para a amenização dos problemas socioeconômicos causados, segundo o discurso oficial, pelo grande crescimento demográfico da região” (p.09).

*que para nós, do Governo do Distrito Federal, idade não conta: as velhas cidades, **Brasília com suas Satélites e o Entorno formam uma só família de várias gerações** que, sentada à mesa, sente muito prazer em partilhar de suas esperanças, sonhos, crenças e, sobretudo, do fruto do trabalho!* (Contrim, 1996: 20-21), (grifos meus)

O trecho acima participa de uma coletânea publicada a partir do encontro de historiadores do Planalto, ocorrido em 1991, em Luziânia. Seu autor, escritor radicado em Brasília, participava do primeiro governo eleito do Distrito Federal, cujo governador, atualmente no fim de seu terceiro mandato, é natural de Luziânia. Em face das imagens fornecidas pelo texto, perguntasse: se Brasília é filha de Luziânia, se formam com as satélites e outras cidades do Entorno, uma só família, onde está a margem? Onde está o Centro? O quê ou quem traz o perigo da desarticulação? Respostas a essas perguntas podem ser antevistas em outro fragmento, de um autor que mantém vínculos com Formoso (MG), e toma explicitamente o Entorno como objeto de reflexão, apresentando-o em imagens poéticas:

### Complexo Tantálico no Entorno da Capital

Homenagem à Campanha Integracionista pela inclusão de Formoso à Ride – Região Integrada de Desenvolvimento Econômico do Distrito Federal e Entorno.

#### D. Frampasso II

Estamos próximos de Brasília Mas nos evoluímos aos poucos. Ainda vivemos como uma ilha: Sitiados, preteridos e absortos	A elite dissera que Brasília É que nos tiraria do fosso Mas era tudo uma mentira... Logo arquivada no esboço!
Moramos pertinho de Brasília: Menor distância é o aeroporto; Como pai que abandona filha O Governo nos nega conforto	Disseram que era Brasília Utopia de um Brasil moço; Enquanto o Interior aniquila Essa elite só enche o bolso.
Somos os vizinhos de Brasília Mas a evolução é como aborto: Se expela e nos põem na trilha Impondo o martírio do esforço	E se a elite que fez Brasília Queria nos oferecer conforto Por que vivemos como ilha Num arquipélago sem porto?
Quando visitamos Brasília, Ela nos fascina como horto. Quando voltamos, a maravilha Vai morrendo no caminho torto.	Está na hora de, em Brasília, Trocar esse governo por outro Eleito contra essa armadilha Que nos fez de boquirrotos! <sup>13</sup>

<sup>13</sup> Poema de D. Frampasso II, em Mendes (2002).

O poema tem como mote a questão da inclusão de Formoso, município do Noroeste mineiro, na RIDE, uma das definições formais de Entorno (ver nota 9). A relação entre o município e Brasília, no poema, faz alusão à vizinhança e ao parentesco: são vizinhos de Brasília, estão próximos, mas, como pai que abandona a filha, o Governo nega ao município o conforto merecido. Duas imagens são fortes. Primeiro, a da ilha, corrente em outros discursos para se falar de Brasília, ilha em Goiás ou no sertão, ilha de poder ou qualidade de vida. O poema, no entanto, inverte a imagem. *Nós* de Formoso, que estamos tão próximos a Brasília, é que vivemos numa ilha – sitiados, preteridos e absortos. Uma armadilha em que a fonte de perigo, a margem, parece estar justamente em Brasília. A inversão permite que se fale da exclusão.

Outra imagem é oferecida pelo título: o *complexo tantálico*. Segundo o dicionário Aurélio, o adjetivo ‘tantálico’ é “relativo ou próprio de Tântalo, figura lendária, cujo suplício por haver roubado os manjares dos deuses para dá-los a conhecer aos homens, era estar perto da água, que se afastava quando tentava bebê-la, e sob árvores que encolhiam os ramos quando lhes tentava colher os frutos”. Como Tântalo, fazer parte do Entorno é ter sede e fome, e estar próximo a um lago e a um pomar - a benefícios, recursos e vantagens do poder -, sem, no entanto, poder deles usufruir. O mito de Tântalo, como é característico aos mitos, manifesta-se em diferentes versões, que oferecem explicações diversas sobre as razões de seu castigo. Em outras versões, o castigo imputado é relacionado ao fato de Tântalo ter oferecido, em um banquete aos deuses, seu próprio filho (Grimal, 1997). Ao comentar o “complexo tantálico”, Francisco da Paz Mendes, autor do livro sobre Formosa que reproduz o poema de Dom Frampaso II, explica o castigo de Tântalo por meio da narrativa bíblica sobre Abraão<sup>14</sup>.

Inversões, parentescos e sacrifício – temas e imagens que o poema introduz na reflexão sobre o Entorno, de novos ângulos, sugerindo outros lugares de enunciação. Elas redimensionam a pergunta sobre a imprecisão do centro ou das margens, sobre poder e subalternidade, face e frente. O olhar volta-se para a relação e o encontro, Formoso e Brasília, ou como no outro trecho, Luziânia e Brasília, nesse espaço indeterminado com o nome de ‘entorno’. Trechos que permitem o vislumbre da fronteira como *espaço terceiro*, *entre-lugar* produzido *no encontro* de diferenças sociais e culturais. Se diferenças constroem limites, também caracterizam interlocuções e articulações, espaço que não pertence a um ou outro, mas aos dois (Leenhardt, 2001; Certeau, 1994). As leituras sobre o Entorno parecem mostrar que, do ponto de vista da construção de Brasília, contada pela grande narrativa do Brasil como marco de interiorização do desenvolvimento e da soberania do Estado-Nação, o espaço ocupado pelo Entorno é plural e subalterno, fronteira (Suárez, 2002).

<sup>14</sup> Entrevista realizada em Planaltina, em 03/09/2002.

## Municípios, Capital, Brasília

Outros espaços emergiram no momento em que análise tomou não mais o discurso criador do Entorno, mas sim a literatura cuja enunciação se faz a partir do município. Nas narrativas consideradas<sup>15</sup>, o centro irradiador não é a capital, e sim o município. As narrativas sobre os municípios articulam dimensões referidas à história político-administrativa e ao localismo (Queiroz, 1976), espaços de poder político e econômico, aos territórios do cotidiano (Brandão, 1995), lugares de relações pessoais, da intimidade, do que é reconhecido como próximo. Narra-se sobre lugares como o distrito, a vila, a igreja, o cartório, o correio ou as farmácias. Ao mesmo tempo, conta-se sobre acontecimentos nas fazendas, nas ruas, nos cenários de natureza, entre representantes das boas famílias ou figuras populares. Como categoria que remete à percepção do espaço social, nos sentidos trabalhados por Queiroz e Brandão, o espaço construído nas narrativas como ‘município’ faz ver movimentos e lugares diferenciados que se intercomunicam, às vezes se confundem, configurando um mundo social, por onde transitam sujeitos ligados por sentimentos de pertença. Mais do que cenário, o município é personagem e, ao mesmo tempo, guia narrativo que tece a centralidade de várias relações possíveis.

Em relação a ele, os textos apresentam cenários de interação e atores sociais, entre os quais ‘boas famílias’, ‘eruditos’ e ‘tipos populares’ estão entre os mais significativos. Também fornecem representações de valores e práticas, notando-se recorrência na descrição de interações sociais cujo ideal liga-se ao valor da ‘boa pessoa’ e a reciprocidade das relações (Chaves, 1996). Os livros que contam a história dos municípios elegem a retórica do parentesco para descrever relações entre lugares que são, também, unidades da federação. E, ao invés do “Entorno”, introduzem outras categorias regionais, espaços mais amplos que os textos fazem emergir, que integram e articulam as narrativas e seus principais personagens, os municípios. Atravessando limites político-administrativos da região como espaço da di-visão, instituída por decreto (Bourdieu, 2001: 114), são traçadas outras linhas que reúnem e separam, com os nomes de *Planalto*<sup>16</sup> e de *Noroeste de Minas*<sup>17</sup>. Assim, junto à idéia de centralidade, há também uma noção de irradiação que alguns municípios promovem, como centro de tradições, capazes de reinventar espaços, como Luziânia para a região do Planalto, e Paracatu para o Noroeste de Minas.

Sobre Brasília, um ponto crucial dos textos está na participação reivindicada aos municípios no projeto de mudança da capital e da construção de Brasília – eles oferecem espaço e tempo à nova capital. Nos horizontes desenhados pelos textos, *capital* diz também de um *lugar antes de Brasília*, em duas

<sup>15</sup> As obras selecionadas reúnem textos de diferentes gêneros (memorialistas, históricos, ficcionais e crônicas). Em comum, tem a motivação de registrar relato sobre o local, geralmente origem ou de habitação desses escritores.

<sup>16</sup> Ver coletânea comemorativa de 250 anos da fundação de Luziânia e de 20 anos da Academia de Letras e Artes do Planalto, *História do Planalto*, in Meireles e Pimentel (org) (1996).

<sup>17</sup> Ver Olímpio Gonzaga, *Memórias Históricas de Paracatu*; Oliveira Mello, “Noroeste de Minas”, *Jornal O Movimento* (Paracatu); *Minhas Opiniões. E as Suas?* (1998: 24-31); Mendes (2002).

perspectivas. Uma delas, nos relatos sobre a participação dos municípios, e de seus representantes, no projeto de mudança da capital para o centro do país, narrativas que denotam uma ação: *Trazer a capital*. A segunda perspectiva sobre a *capital antes de Brasília* mostra uma imagem não restrita aos textos trabalhados, ou a Goiás ou a Minas – isto é, o contraste do município/interior com a capital, *lugar para onde se vai estudar e tornar-se doutor, atravessar sertões e rusticidades* (Pimentel, 2000).

A menção às Comissões que prepararam a mudança da capital são fundamentais em vários dos textos, particularmente a Comissão Cruls (1892), encarregada de explorar o Planalto Central e demarcar a área da futura capital. Não é raro, em vários dos textos que falam de personagens históricos dos municípios, menção a algum tipo de participação na Comissão, reforçando-se o vínculo com essa etapa que se tornou história de Brasília<sup>18</sup>. Sobre Planaltina, em *A Realidade Pioneira*, Mário Castro (1986) comenta:

*Planaltina compreendeu melhor os estudos realizados pela Comissão Cruls, de 1892, muitos anos mais tarde. **Todo o empreendimento do Governo, no sertão, era respeitado com espreita e dúvida, pois tinha alguma semelhança com a cobrança do quinto, do dízimo ou dos impostos. Construir uma cidade? Onde? Nas terras de quem? (...) Quem poderia entregar o torrão do sacrifício com uma indenização imposta? Desapropriação sem a consideração dos valores culturais e a acomodação harmônica, lenta e através dos anos, na formação do Povoado, de seus habitantes!?** (:148) (grifos meus)*

Outros textos oferecem críticas à imagem de Brasília construída sobre o vazio, tão freqüente e comum no imaginário nacional. Uma resposta corrente, particularmente nos textos sobre Luziânia, é a de que Brasília não surgiu do nada, mas que teve uma pré-história não reconhecida:

*(...) Por isso, podemos afirmar que a pré-história do Planalto e de Brasília está em Luziânia e em sua projeção nas comunidades vizinhas. **Espíritos superficiais e levianos acham que, quando Brasília se ergueu no Planalto, aqui era o vazio e o caos, obscurecendo desta arte mais de dois séculos de história no Planalto Goiano. No entanto, esta história existe e podemos dizer que ela se desenvolveu em seu período heróico.***

<sup>18</sup> A esse respeito da Comissão, entre os escritores locais, ver Olympio Jacintho (1979), em *Esboço Histórico de Formosa* [1931]; Pompeu de Pina, “Pirenópolis – sua história, sua gente, seus costumes e tradições” in José Dilermando Meireles e Antonio Pimentel (org). (1996) 219-229; e Castro (1986)..

*Foram os lances do homem com a natureza agreste e bravia, cercado por toda a sorte de hostilidade e sem os recursos da ciência e da técnica (...) **Onde estão, pois, o vazio e o caos e a ausência de regras jurídicas de que falam os cronistas e comentadores apressados da Nova Capital?**” (Gilberto, 1973: 73) grifos meus).*

‘Pré-história’ que contesta o vazio e o caos imaginado, dizendo da abertura dos caminhos, construção de igrejas, crescimento do povoamento e criação de julgados. Ante o novo absoluto de Brasília são postos dois séculos de história do Planalto Goiano. Também de Planaltina se diz algo parecido:

*A história de Planaltina, marcada pelo gesto cultural de sua gente, **não é senão os antecedentes da história de Brasília.** Por aí passaram os mentores da interiorização e as expedições de estudo e localização da Capital. Desde os índios Quirixás, os bandeirantes ou mudancistas, sempre esteve presente a marca do pioneirismo nessa localidade. Uma história, mais de três séculos, de coragem e luta pela transformação dos cerrados planálticos (Castro, 1986: 16)(grifos meus)*

A construção e presença de Brasília, e o que esses eventos trazem e produzem, figuram nas narrativas como períodos de uma história que começa muito antes deles. Narrativas que sustentam não ser Brasília o marco zero, não ter sido construída sobre tabula rasa. Surgiu como coroação de um momento, ou como outra fase, articulada a uma longa história, desde bandeirantes ou inconfidentes, entre tropeiros e ouro. Fundou outro momento, sem anular os anteriores. Ponto crucial, que perpassa a maioria dos textos estudados, somando-se a outras imagens e ambigüidades a respeito da nova capital. Junto àquelas sobre progresso, novas oportunidades, movimento e interiorização do desenvolvimento que a cidade nova traz, existem outras associadas à perda de identidade, da memória, de folclore: Brasília também remete a destruições e perdas, e pode ser “como um pampeiro de devastações, [que] trouxe em seu bojo alguns germes predatórios” (Rocha, 1985: 17).

## **Sacrifício e o Burity Perdido**

A reivindicação da participação dos municípios na construção da capital e na efetivação de seu projeto é também feita por meio da idéia do sacrifício dos municípios, e de sua re-inserção simbólica no contexto da nova capital. De Luziânia, antiga Santa Luzia, marca-se a lembrança de ter sido o

município mais próximo à Brasília, e que mais cedeu terras para a formação do Distrito Federal, sua hospedeira e anfitriã.

*(...) Luziânia do presente, hospedeira da nova civilização trazida para o interior brasileiro com a transferência da Capital Federal (...) Daí por que bem merece integrar-se à nova comunidade de Brasília, com ela fundir-se, **emprestar-lhe as raízes bicentenárias do seu passado heróico e dela receber o impulso e a dinamização** necessária à total renovação de sua sociedade, de sua cultura e de sua economia (Meireles, 1973: 06).*

Em tais fragmentos relativos a Brasília, são fortes as imagens temporais - presente que recebe a nova civilização, que empresta o passado ao futuro. Conjugando-se a elas, está o espaço e a concretude do lugar, terra. Luziânia não só emprestou o tempo, mas também entregou suas terras à capital:

*(...) Neste ponto teve marcante atuação o município de Luziânia. Os proprietários de terrenos dêste município, enquadrados no Novo Distrito Federal, demonstrando elevado espírito de compreensão pelo grande evento de Brasília, não criaram o menor obstáculo para entregar suas terras ao Governo. **Luziânia, pois, sangrou-se, na própria carne, para cooperar na chamada – maior obra do século** (Gilberto, 1960: 46) (grifos meus)*

Sangrar-se na própria carne para que Brasília pudesse nascer. Imagem que remete ao sacrifício, idéia construída em outros textos, sobre outros municípios. Sacrifício do município ou do pobre sertanejo (Meireles, 1978: 12), que entregam o que têm para que a capital possa ser erguida, e cuidar do desenvolvimento nacional e de sua interiorização.

De Paracatu, além de outras imagens mencionadas ao longo da leitura, há trilhas que apontam buritis. A palmeira nomeia um poema de Afonso Arinos de Mello Franco, natural de Paracatu, imortal da Academia Brasileira de Letras, e considerado fundador do regionalismo brasileiro. Seu poema, *Burity Perdido*, reproduzido e citado em vários dos livros analisados, sintetiza imagens encontradas ao longo dos textos pesquisados: paisagens, cenas da ocupação do território, personagens, além da menção a uma grande cidade que talvez se levante se, algum dia, ‘a civilização ganhar essas paragens’.

Em um dos textos que citam Arinos, Terezinha de Jesus Neiva (Paracatu), apresenta-se uma crônica, também chamada “Buriti Perdido” (Miranda, 1995). Porém, avisa a autora, não se trata daquele famoso de Afonso Arinos, e sim do que tem trinta e cinco anos, e é único de sua espécie no lugar onde habita. A árvore nomeia uma praça em Brasília, a Praça do Buriti, onde se localiza a sede do Governo do Distrito Federal. Imagem que reconta o buriti perdido, diz de sua atualização concreta no espaço de Brasília. As imagens do Buriti Perdido - testemunha da conquista, poeta dos desertos, cantor da natureza dos sertões – reinscrevem-se na Capital, lembrando tempos e textos em que a capital era ainda uma idéia.

O simbolismo do sacrifício descreve metaforicamente uma ação no projeto de construção de Brasília: *entregar o torrão do sacrifício* ou *sangrar-se na própria carne*. Esse repertório imagético mostrou-se consonante a uma lógica relacional e de reciprocidade representada tanto no nível textual, quanto na ordem dos livros, expressões da cultura local. Em relação à significação de Brasília nesse contexto, essa lógica foi mais bem compreendida com o suporte teórico de Mauss (1974) e Hubert & Mauss (2001), com as noções de dádiva e sacrifício.

Assim, em termos da teoria nativa em discussão, a construção de Brasília mostrou-se como um evento referido a um sistema de reciprocidade. Nele, os sujeitos políticos da troca a ser instaurada por esse evento seriam, de um lado, os municípios e, de outro, os segmentos representativos do Estado-Nação – ou, nos termos que Queiroz (1976) desenvolve, entre poder local e poder central. Porém, os textos não falam somente de troca; o termo usado é o sacrifício. O papel do sacrificante poderia ser associado aos próprios municípios, como também, ao poder local. São eles, segundo os textos, privados de algo, ofertando a uma entidade maior, com a qual desejam ou são obrigados a se comunicar. Fazendo o papel da divindade, correlato ao sagrado, parece estar o Estado-Nação, sendo o nome do ‘Governo’ o mais recorrente na menção a quem se entrega o torrão do sacrifício. Quanto às entidades sacrificadas, os discursos, sobretudo aqueles relativos a Planaltina e Luziânia, sugerem ser a terra do município, seus habitantes, e valores ligados ao passado, os costumes e tradições locais.

Seguindo essa lógica, os costumes são ofertados e a terra é sangrada para o nascimento da nova Capital. Como vítimas, *terra e tradição* são os elementos que intermedeiam as dimensões do sagrado e do profano, nesse caso, entre município como esfera local, e Estado-Nação, poder central, para efetuar a consagração, a transformação do sacrificante e seu interesse na abnegação - a interiorização do desenvolvimento, a integração à economia nacional, o progresso. Ora, sacrifício envolve um duplo aspecto, da obrigação e do interesse,

reciprocidade; freqüentemente concebido como forma de contrato (Hubert & Mauss, 2001). Se, como aqui interpretado, a lógica nativa toma os municípios como sacrificantes em relação à construção da nova capital, e se isso implica a idéia de um contrato, houve retribuição? Ela é relatada ou representada nos textos?

Como expressa o “Complexo Tantálico do Entorno” e outros textos<sup>19</sup>, a tão esperada Brasília, pela qual se sacrificaram terras, modos de vida e identidades, não trouxe o reconhecimento da participação dos municípios na efetivação de seu projeto – o discurso hegemônico sobre a capital continua situando-a no vazio. Em certa medida, a dicotomia capital-interior repete-se; a capital, próxima fisicamente, mantém a distância estrutural.

As perguntas sobre a representação do sacrifício e sua análise, abriram um novo patamar da reflexão, fornecendo elementos para outro exercício: o de refletir, intuitiva mais do que metodicamente, sobre ligações entre eventos políticos da atualidade, a construção do Entorno e as imagens sacrificiais dos municípios. Nesse procedimento, fez-se uma releitura do sacrifício, compreendido não mais nos termos da reciprocidade e da lógica da dádiva, mas na linguagem da modernidade política e do valor do indivíduo, isto é, como luta que faz uso das expectativas da modernidade, nos termos do discurso pelo reconhecimento da alteridade e da disputa eleitoral. Entre esses fatos, discutiu-se a presença no Governo do Distrito Federal, ou na Praça do Buriti (como diz o poema), por mais de três mandatos, de um nativo de Luziânia (GO) e de uma de suas famílias tradicionais. Junto a esse fato, há outros aspectos de sua figura política a serem mencionados: referências polêmicas sobre sua política de distribuição de lotes, ocupação irregular de terras públicas (Borges, 2003), ao que se acrescenta, no domínio da poética social e da intimidade cultural (Herzfeld, 1997), representações depreciativas que se faz em Brasília sobre ‘ser goiano’. Elementos que encontram ressonância na leitura simbólica do sacrifício e da quebra da dádiva e que, talvez também por isso, capitalizados eficazmente como recurso político.

Outro fato da política contemporânea refere-se à discussão sobre a criação de um novo Estado Federativo – o Estado do Planalto Central. O tema ganhou visibilidade ao entrar em tramitação no Senado uma emenda constitucional (EC 56/96) propondo a criação do Estado do Planalto Central<sup>20</sup>. Em junho de 2002, foi publicado no Diário do Senado, o Projeto de Decreto Legislativo (no. 298 de 2002), convocando plebiscitos nos Estados de Minas Gerais e Goiás, sobre a criação do Estado do Planalto. A justificativa para o plebiscito acionou elementos presentes em discursos sobre o Entorno e sobre sua criação do ponto de vista do Estado-Nação. Entretanto, no caso do projeto do novo Estado, se foi feito uso do discurso do Estado-Nação, reconhecendo-se sua

<sup>19</sup> Ver Meireles (1972) Meireles (1982). Ver também Mendes, (1995).

<sup>20</sup> Ver Correio Braziliense por ocasião do aniversário de Brasília, em 21 de abril de 2003.

soberania, ele foi também redirecionado para a enunciação de interesses locais. A justificativa do plebiscito apresentou o Estado do Planalto como solução para a tensão entre os dois pólos, Brasília e Entorno.

As discussões precedentes também parecem significativas em relação ao projeto do novo Estado. O 'antigo' nome do Planalto talvez re-inscreva, do ponto de vista do conflito político, o interesse pela recuperação de um território. No caso da enunciação formulada a partir dos antigos municípios, na leitura de uma teoria nativa tratar-se-ia não somente de autonomia política, mas de restituição de poderes locais. Por outro lado, o projeto do novo estado acentua também a questão da classificação dentro de um sistema de representações, no caso, o do espaço federativo. Considerando-se o significado de margem atribuído atualmente ao Entorno, desde o ponto de vista simbólico, pode-se interpretar a re-inserção do nome Planalto como elemento que introduz, da perspectiva do Estado-Nação, um lugar de enunciação referente não mais à margem, à indeterminação, mas à estrutura. O projeto em prol do estado também pressupõe a integração dentro da organização político-administrativa do país, não do modo singular atual – ser parte do Distrito Federal, lugar único e excepcional -, mas de participar dessa organização enquanto unidade comum e inclusiva da federação. A participação reivindicada pressupõe não a singularidade, mas um lugar na pluralidade dos estados e da precisão de limites, unidades federativas. Como se fora desse espaço não houvesse condições de legitimidade.

O problema que a reflexão do Entorno parece colocar, junto com os fatos políticos mencionados, está na forte vinculação entre o reconhecimento de diferenças e direitos de participação política, e sua conversão quase necessária às categorias territoriais com direitos no âmbito da federação. O Entorno, nesse sentido, é expressão dos paradoxos que essa vinculação cria, representados de outro modo também na enunciação percebida a partir dos municípios, na expressão da luta pelo reconhecimento da diferença, e na tentativa de legitimar particularidades locais nos espaços estruturados da Nação.

**ABSTRACT:** Among several discourses on Brasília and the Federal District, there are images of Brasília as a space of modernity and civilization, as an island in empty spaces. The text takes those images and asks: what would say social actors classified, according to those discourses, as situated in such empty spaces? Searching for different perspectives, specially local ones, the work regards local writers, which literary texts focus on the municipalities in the region that surrounds the capital, writing about local memory and traditions. Exploring tensions, the analyses tries to move between discourses enunciated from local perspectives and discourses produced from the centrality of Nation-State. The theme observed in such discourses concerns the relations between municipalities and the federal capital, between local powers and central power, and the representation of regional space. Among other questions, there is a reflection on the notion of sacrifice and the absence of reciprocity between the nation and the sertão.

**Key-words:** social construction of space; local literature; municipalities; federal capital; local power; central power; Entorno do Distrito Federal; Planalto Central; Noroeste de Minas.

## REFERÊNCIAS

**AHEARN**, Laura M. (2001) “Language and Agency”. *Annual Reviews of Anthropology*. 2001. 30: 109-37

**AMDERSON**, Benedict (1989) *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Editora Ática.

**ARRAIS**, Tadeu Pereira Alencar (s.d.) *Entre a Rede Urbana e a Cidade Região: O que há de novo no centro goiano?* Disponível em [http://www.setec.go.gov.br/artigos\\_publicacoes/artigo026.htm](http://www.setec.go.gov.br/artigos_publicacoes/artigo026.htm)

**BERTRAN**, Paulo. (1988). *Uma Introdução à História Econômica do Centro-Oeste de Brasil*. Brasília: Codeplan, Goiás: UCG, 1988.

**BORGES**, Antonádia (2003). *Tempo de Brasília – etnografando lugares- eventos da política*. Tese de doutorado. PPGAS, DAN. Universidade de Brasília.

**BOURDIEU**, Pierre (2001). *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

**BRANDÃO**, Carlos Rodrigues (1995). “Do sertão à cidade: quantos territórios!” in Brandão, C. e Mesquita, Z.(organizadores) *Territórios do Cotidiano - uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Ed. Universidade/ UFRGS/ Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995. pp. 155-177.

**CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL**. (1999). *A Força do Entorno*. Brasília: CLDF

**CASTRO**, Mário.(1986) *A Realidade Pioneira*. Brasília: Thesaurus.

**CHAVES**, Cristine de A. (1996) *Eleições em Buritis: A pessoa política*. Serie Antropologia. Brasília, DAN/UnB, no. 206.

**COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DO PLANALTO CENTRAL**(1992). *Entorno do Distrito Federal: programa estratégico de desenvolvimento*. Brasília: CODEPLAN; Ed. Comunicação Popular Ltda.

**COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DO PLANALTO CENTRAL**(1980). *Estudo das Potencialidades dos Municípios da Região Geoeconômica de Brasília*. Brasília: CODEPLAN; SEG. 12 volumes.

**COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DO PLANALTO CENTRAL** (1998). *Distribuição da população e indicadores demográficos da região de influência do Distrito Federal/ Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central*. Núcleo de Estudos Populacionais. Brasília: CODEPLAN.

**CONTRIM**, Márcio Contrim, “Reencontro com a História”, in **Meireles**, José Dilermando e **Pimentel**, Antônio. (org). (1996) *História do Planalto: Coletânea*. Volume I. Academia de Letras e Artes do Planalto. Luziânia: [s.n.], pp 20-21.

**COUTO**, Ronaldo Costa (2001). *Brasília Kubitschek de Oliveira*. Rio de Janeiro: Editora Record.

**DAS**, Vena (1998). *Critical Events – An Anthropological Perspective on Contemporary Índia*.

**DOUGLAS**, Mary (1976). *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva.

**FREIRE**, Américo (2002). “Fortalezas Republicanas: Ensaio sobre a formação do Distrito Federal nos Estados Unidos e no Brasil” in Oliveira, Lucia Lippi (org). *Cidade: História e Desafios*. Rio de Janeiro: Editora FGV, pp. 176-193.

**GILBERTO**, Joaquim (1960). “Brasília e o Novo Fenômeno Demográfico da Interlândia” in Meireles, José Dilermando (1960). *Apologia de Brasília*, Luziânia: Prefeitura Municipal.

**GILBERTO**, Joaquim. (1973). “Evangelino Meireles no Tempo e no Espaço”, in Meireles, José Dilermando (1973). *Evangelino Meireles – Vida e Obra. Conferências*. Mimeo.

**GRIMAL**, Pierre (1997). *Dicionário da Mitologia Greca e Romana*. Bertrand Brasil.

**HERZFELD**, Michael (1997). *Cultural Intimacy. Social Poetics in the Nation-State*. New York: Routledge.

**HOLSTON**, James (1993). *A Cidade Modernista – Uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Cia. Das Letras.

**HUBERT**, H & **MAUSS**, M (2001). “Ensaio sobre a Natureza e a Função do Sacrifício” in Mauss, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, pp.141-227.

**JACINTO**, Andréa Borghi M. (2003). *Margens Escritas: versões da capital antes de Brasília*. Tese de Doutorado. PPGAS – Universidade de Brasília

**LEENHARDT**, Jacques. (2001) “A invocação do terceiro espaço” in *Cult – Revista Brasileira de Literatura*, ano IV. Abril de 2001, Lemos Editoria

**CERTEAU**, Michel de (1994). *A invenção do cotidiano: 1. Artes do Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

**MAGNOLI**, Demétrio. (1997). *O Corpo da Pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808 – 1912)*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulistas: Moderna.

**MAUSS**, Marcel (1974). “Ensaio sobre a Dádiva. Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas” in *Sociologia e Antropologia*. Vol. II. São Paulo: EPU. Pp.37- 178.

**MEIRELES**, J. D. (1982) “O Problema Fundiário no Distrito Federal: enfoque histórico e jurídico”. In: *Revista de Informação Legislativa*, v. 19, no. 74, pp. 301-306, abr.- jun. 1982.

**MEIRELES**, José Dilermando (1972). “Um estudo sobre o domínio das terras do Planalto Central do Brasil”. *Revista de Informação Legislativa*, julho a setembro de 1972, pp. 59-77.

**MEIRELES**, José Dilermando.(1978) *Deste Planalto Central Central... O Histórico e o Pitoresco*. Luziania, Goiás: Jorluz Editora, p. 12.

**MENDES**, Xiko (1995), *O mito da interiorização através de Brasília*. Brasília: ASEFE – Editora Regional.

**MENDES**, Xiko (2002) *Formoso de Minas no Final do Século XX – 130 anos!* Formoso/MG: Prefeitura Municipal de Formoso.

**MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO**. Secretária Especial de Políticas Regionais. (1998) *Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno – RIDE*. DEPIN/CGAI Brasília.

**MIRAGAYA**, Julio (2000). “A Região de Brasília- Goiânia: formação, problemas e potencialidades” in *Revista da Conjuntura*. Brasília: Corecon/DF, Sindecon/DF, ano II, no. 5, jan/março 2000; pp. 10 –26;

**MIRANDA**, Terezinha de Jesus Neiva, (1995) *Divagando*. Edição do autor.

**PAVIANI**, Aldo (1998). “A construção injusta do Espaço Urbano” in Paviani, A. (org). *A conquista da cidade*. Brasília: Editora da UnB, pp.115-142.

**PIMENTEL**, Antonio (2000). *Trama de Pensão*. Athalaia Gráfica e Editora.

**QUEIROZ**, Maria Isaura Pereira de (1976). *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Editora Alfa-Omega.

**ROCHA**, Lincoln Magalhães da (1985). *Luziânia, vanguarda e berço*.

**SAHLINS**, Marshall. ( 1985). *Historical Metaphors and Mythical Realities*. The University of Michigan Press.

**SENA**, Custódia Selma (2000). *Os dois Brasis: Um estudo do dualismo nas interpretações do Brasil*. PPGAS/ DAN. Tese de doutorado. Universidade de Brasília.

**SILVA**, Francisco José Lyra (1995). *Fala Taguatinga: função referencial de uma cidade no cotidiano e memória de seus habitantes (1958/1995)*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História, Universidade de Brasília

**SILVA**, Luis Sergio Duarte (2000). “História dos Bairros de Goiânia” in *Relações Cidade-Campo: Fronteiras*. Goiânia: Editora UFG.

**SUÁREZ**, Mireya (2002). “Caribe-Sul: Uma Fronteira Interna”. *Seminário Fronteiras: Culturas e Identidades Caribenhas*. Mimeo.

**SUÁREZ**, Mireya. (1999) *Everlasting Golden Sertões: the study of a productive process in the Brazilian Central Plateau*. Dissertation for the Degree of Doctor of Philosophy. Cornell University.

**VASCONCELOS**, Adirson (1998). *As Cidades Satélites de Brasília*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal.

**VESENTINI**, José William (2001). *A Capital da Geopolítica*. São Paulo: Editora Ática.

**VIDAL E SOUZA**, Candice. (1997). *A Pátria Geográfica – Sertão e Litoral no Pensamento Social Brasileiro*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.